

ROTEIRO DeLeitura versão completa***Uma princesa assim pequeninha, mas...***

Beatrice Masini & Octavia Monaco

Tradução de Alice Mesquita

*Capa e ilustrações: Octavia Monaco**Formato: 23x28**Nº de páginas: 28*

Indicação: 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental

A leitura dos contos

Segundo Jette Bonaventure, “não se precisa de nenhuma capacidade especial, nenhum conhecimento intelectual específico para entender os contos, pois eles nos dizem algo sobre o ser humano que às vezes não sabíamos como formular, e o dizem de maneira bastante simples”.

Sim, a princípio, falando sobre a condição humana, o significado dos contos estaria ali, sempre, à disposição do leitor. Porém, também sabemos que uma interpretação de leitura – além da habilidade mecânica de decifrar sinais - depende de nosso repertório, da capacidade cognitiva que adquirimos ao longo da convivência escolar, da competência e de experiências que provêm da própria vida: pessoal, cultural, emocional. Interpretar a leitura é processo complexo. Para o leitor, mais do que entender seus mecanismos, importa é experimentar. São as experiências de leitura – diversas, ricas, produtivas, criativas – que, vão, pouco a pouco, moldando um leitor. Não é competência que se conquista de imediato, ao contrário, seu desenvolvimento é lento e gradativo.

Por isso, tão fundamental que encontremos, na escola, um ambiente propício a novas descobertas e conteúdos, pelos mais variados caminhos, lembrando sempre que, muito embora as possibilidades sejam muitas, a interpretação deve sempre estar contida no texto. O que vale dizer: interpretar não é meramente inventar. O sentido deve estar ali, de alguma forma expresso ou subentendido. Algumas pistas devem ser seguidas, baseadas na trama, na simbologia, nos personagens, no texto, no contexto...

Assim, quanto mais elementos tenhamos para buscar esses sentidos nem sempre evidentes, mais dinâmica e rica será a leitura, mais profunda será a compreensão de seus conteúdos, mais envolvente será a interpretação da narrativa.



Para o livro em questão, *Uma princesa assim pequeninha, mas...*, a linha de interpretação aqui sugerida – fiel ao seu conteúdo – é só uma parte da equação, um dos caminhos possíveis.

A história

A princesa Catarina, desconsolada, quer que a Rainha Avó a faça entender por que todos zombam de seu pequeno tamanho. A avó a consola, contando a história do avô que, embora também pequeno, realizou coisas grandiosas e corajosas, transformando o reino num lugar de paz. Catarina decide seguir o exemplo e viaja levando consigo, numa trouxinha: um arco e uma flecha, uma moeda de ouro, um pentinho e um espelho, três balas de mel.

Depois de atravessar florestas e montanhas, Catarina chega à primeira aldeia, onde, valentemente, com seu pequeno arco e flecha, salva a população de um incrível dragão. Na segunda aldeia, Catarina salva a população da fome, usando sua moeda de ouro. Na seguinte, Catarina salva a aldeia de um bando de condores, usando apenas seu pequeno espelho. Findas as tarefas, após observar o mundo do alto de uma montanha saboreando as três balas que leva consigo, Catarina sente-se refeita e volta para casa. Na aldeia, já cientes dos seus feitos maravilhosos, todos a aguardam e a recebem com honras e festas. Ninguém mais duvida de seu imenso valor.

O conteúdo simbólico

Simple na estrutura narrativa e aparentemente ingênua, esta história traz em si ricos elementos para serem discutidos e trabalhados:

- a discriminação sofrida pelo diferente, no caso, pela a baixa estatura de Catarina que, de antemão, a rotula como fraca, sem importância.
- a ausência de medo da personagem (ingenuidade?)
- as ameaças sofridas nas aldeias pela presença de um dragão; da fome; de um bando de condores – contrapondo poder e força x medo e submissão.
- a observação distanciada do mundo (a relatividade das coisas);
- o sabor adocicado da aceitação/recompensa.
- a transformação (crescimento?)/ o retorno.

Para caminharmos dentro das possibilidades contidas no texto, vamos observar o significado de alguns símbolos claramente expressos no livro:

Arco – Arma nobre, arma de cavaleiro. Tensão de onde brotam nossos desejos. Símbolo do destino.

Condor – O avatar do Sol, encarnação de uma divindade, manifestação divina.

Deserto – dois sentidos simbólicos essenciais: extensão superficial estéril debaixo da qual tem de ser procurada a Realidade. Nada existe senão de maneira ilusória, como as miragens.

Dragão – guardião severo ou símbolo do mal. Simbologia ambivalente: símbolo do princípio ativo, do poder divino, na china, símbolo do imperador.

Espelho – O espelho reflete a verdade, a sinceridade, o conteúdo do coração e da consciência. Na tradição nipônica, o espelho é relacionado com a revelação da verdade e da pureza. No budismo, o espelho é utilizado para o Julgamento. Os espelhos mágicos têm um tom divino de revelar a verdade. Em algumas civilizações, o espelho é instrumento de iluminação e símbolo da sabedoria. Símbolo lunar e feminino, o espelho é, na China, o emblema da rainha. Ele é também usado para a adivinhação. Por simbolizar a verdade, inspira o terror pelo conhecimento de si (caracterizado na lenda sufista do Pavão). Na psicanálise, o espelho acentua o lado tenebroso da alma.

Farinha – Alimento essencial, material, intelectual e afetivo de que se alimentam certos grupos e que faz seus membros semelhantes: “farinha do mesmo saco”.

Flecha – Símbolo dos intercâmbios entre o céu e a terra, raio punitivo ou raio de luz, retidão. Indica a direção em cujo sentido se busca a identificação. Símbolo de unificação, de decisão e de síntese.

Floresta – Santuário; “cabeleira da montanha” que emana seu poder ao provocar a chuva, os benefícios do Céu. Contrapõe angústia à serenidade, opressão e simpatia como todas as manifestações da vida. Na psicanálise, por sua obscuridade e enraizamento, simboliza o inconsciente.

Montanha – Encontro do céu e da terra, objetivo da ascensão humana. Vista do alto, surge como o centro do mundo; vista de baixo, surge como o eixo do mundo, mas também uma escada, algo a se escalar.

Pente – Aquele que mantém unidos os cabelos, os componentes da individualidade sob seu aspecto de força, de nobreza, de elevação espiritual.

Viagem / Retorno – busca da verdade, da paz, da imortalidade, da procura e da descoberta. Travessia.

Tamanho não é documento

É o que diz o ditado, é o que constatamos a partir do texto de *Uma princesa assim pequeninha, mas...* cuja protagonista, Catarina, na sua ingenuidade, não tem medo de enfrentar o que, para outros, representam desafios incriveis. A facilidade com que ela supera os obstáculos é tão grande, que o leitor chega a se indagar se, de fato, a ameaça é real ou o povo da aldeia, imobilizado pelo medo, não encontra meios, força, estratégias para enfrentar o que os aflige.

O medo é componente bastante comum nas histórias infantis, cheio de significados importantes. Há o medo que preserva, protege, às vezes, garante a vida. Mas há também o medo que imobiliza. Os povos das aldeias, ao que parece, estão imobilizados. Não sabemos se algo já foi tentado contra os opositores ou se a providencial chegada da menina lhes garante uma tentativa que, inesperadamente, se mostra eficaz.



Catarina não reflete sobre os desafios que vai enfrentar. Na verdade, os desconhece. Movida pela história do avô e pela discriminação sofrida por conta de sua baixa estatura, ela sai sem destino e atravessa um caminho sinuoso: montanhas, desertos e florestas que simbolizam o inconsciente, nossas metas e conquistas, ascensão e queda, busca da verdade e de objetivos.

Catarina tem um objetivo: provar a si mesma o seu valor (não exatamente salvar povos e aldeias, muito menos enfrentar monstros) e, focada nessa proposta, não reflete, não mede forças, não elabora táticas, estratégias. Simplesmente vai. Deixa o rio (vida) seguir seu curso e usa as poucas ferramentas que tem. E é nesta sua ingênua confiança infantil que ela encontra sua coragem. Talvez, aí, a mensagem do valor da autoconfiança pessoal: sou o que sei que sou, não o que os outros esperam que eu seja, ou dizem que sou... Ou, ainda, a mensagem subliminar da ausência de medo necessária para se conduzir a vida, para se conquistar montanhas e seguir metas.

As ferramentas que Catarina leva consigo são frágeis, mas eficazes. Um arco, uma flecha: nossos desejos, nosso destino e identidade. A ameaça de um dragão se desfaz diante da atitude insólita (seria mesmo este dragão um perigo?); os sacos de farinha são abertos por seus dedos frágeis, garantindo o alimento (que é bem mais que o alimento em si) a uma aldeia; e o condor se vê refletido no espelho da verdade. Verdade que tira de imediato o sentido de estar ali a atormentar um povo. Ele parte, todos os condores partem. Não há mais o que se fazer ali. Catarina regressa.

Antes, olha a paisagem do alto da montanha e se vê pequena. Ela é pequena, de fato. Diante do mundo, uma pequena princesa. Mas... Catarina agora sabe, aceita, admite a si mesma que não é no seu tamanho que reside a sua força e o seu valor. Assim como fez o avô, prova que é capaz e que pode realizar os feitos que quiser.

Mas esta não é mais a mesma Catarina que partiu. Houve aí um rito de passagem. Pequena na estatura, Catarina cresceu, amadureceu, transformou-se, assim como cada um de nós se transforma a cada descoberta. Pequenos, grandes, não importa. Nosso valor pessoal é medido por critérios outros que fazem de todos nós pessoas raras.

Atividades de Leitura:

1ª etapa – Apropriação do texto (inclusão no repertório do aluno)

Pedir a leitura antecipada dos alunos – em casa, individualmente. Em sala, sem maiores explicações sobre o texto, pedir que um aluno ou dois alunos recontem a história da forma como a entenderam.

2ª etapa – Compreensão geral do texto

Em ordem, outros alunos podem complementar algo que acreditem ser importante ou diferente na narração do colega, até que a história esteja completa.

3ª etapa – Simbologia

Na medida do entendimento da classe, e de forma simplificada, esclarecer o significado de alguns símbolos presentes no conto.

4ª etapa – Releitura

Rer o conto com a classe e comparar o grau de entendimento da primeira com a segunda leitura, enriquecida agora pelos conteúdos simbólicos estudados. O que mudou? O que melhorou na compreensão? Qual leitura parece mais interessante?

Atividades relacionadas:

1 – Dramatização:

Em grupos, repetir a viagem da protagonista de forma dramatizada, cada pequeno grupo apresentando a sua interpretação para o resto da classe.

2 – Música:

Valsa para uma menininha – a letra desta canção faz uma singela celebração a uma menina ainda pequena e ingênua diante da vida.

Ler a letra/poesia para a classe, explicar seu conteúdo, ouvir e cantar:

Valsa para uma menininha – *Vinícius de Moraes (1972)*

Menininha do meu coração
Eu só quero você
A três palmos do chão
Menininha, não cresça mais não
Fique pequenininha na minha canção
Senhorinha levada
Batendo palminha
Fingindo assustada
Do bicho-papão

Menininha, que graça é você
Uma coisinha assim
Começando a viver
Fique assim, meu amor
Sem crescer
Porque o mundo é ruim, é ruim
E você vai sofrer de repente
Uma desilusão
Porque a vida é somente
Teu bicho-papão

Fique assim, fique assim
Sempre assim
E se lembre de mim
Pelas coisas que eu dei
E também não se esqueça de mim
Quando você souber enfim
De tudo o que eu amei

3 – Filmes: Selecionar um ou dois filmes, de acordo com o nível da classe:

SÉRIE PETER PAN

– Peter Pan - Animação produzida pela Disney em 1953 e baseado na peça teatral Peter and Wendy do autor escocês James Matthew Barrie. Direção de Clyde Geronimi, Wilfred Jackson e Hamilton Luske e produzido por Walt Disney.

– *Return to Never Land*, de 2002;

– *Tinker Bell*, de 2008.

– Animação: *Peter Pan 4* - DVD

O garoto que não quer crescer visita Wendy e seus irmãos em Londres e os convence a voar com ele para a Terra do Nunca. Lá, lutam contra o Capitão Gancho, encontram índios, sereias, crocodilos e vivem uma grande aventura.

Ficha técnica: duração 50 min. Idioma: Português; Classificação: Livre.

Arthur e os minimois – Arthur é um garoto de 10 anos que tem por missão evitar que a casa de sua avó seja destruída. Fascinado pelas histórias de seu avô sobre a terra dos Minimoys, o pequenino povo que habita seu jardim, Arthur decide procurar seus tesouros escondidos. Lá, com a ajuda da princesa Selenia, ele enfrenta o vilão Maltazard.

Ficha técnica: Direção: Luc Besson; Gênero: Animação, Aventura, Fantasia; Nacionalidade: França;

Título original: *Arthur et les Minimoys*; Ano: 2006; Tipo: Longa metragem. Dublado e Legendado.

Bibliografia – Leituras recomendadas

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fada. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

BONAVENTURE, Jette. O que conta o conto?. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. Dicionário de Símbolos. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

CORSO, Diana Lichtenstein e Mário. Fadas no Divã. Porto Alegre: Artmed Editora, 2006.

GOTLIB, Nadia Batella. Teoria do conto. São Paulo: Ática, 2000.

LAJOLO, Marisa. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. São Paulo: Ática, 1993.

MARTINS, Maria Helena. O que é leitura. São Paulo: Brasiliense, 1984.

PRIETRO, Heloisa. Quer ouvir uma história? Lendas e mitos no mundo da criança. São Paulo: Ed. Angra, 1999.

PROPP, Vladimir I. Morfologia do conto maravilhoso. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1984.



DeLeitura

DeLeitura é um selo da Editora Aquariana

ROTEIRO Deleitura elaborado pela socióloga e escritora *Sonia Salerno Forjaz*; Bacharel em Ciências Sociais pela FFLCH/USP; Licenciada pela FE/USP; Especialista em Português, Língua e Literatura pela UMESP; autora de literatura infantojuvenil.